

EDITORIAL

Paula Leonardi
Conceição Seixas

– *Senhores jurados, o horror do desprezo, que acreditava poder enfrentar no momento da morte, me faz tomar a palavra. Senhores, não tenho a honra de pertencer à sua classe, vêem em mim um camponês que se revoltou contra a baixa sorte de sua sorte. Não lhes peço nenhuma graça – continuou Julien, firmando a voz. – Não tenho ilusões, a morte me espera: ela será justa. [...] Meu crime é atroz e foi premeditado. Mereci, portanto, a morte, senhores jurados. Mas, ainda que fosse menos culpado, vejo homens que, sem se deterem em tudo o que minha juventude pode oferecer de piedade, vão querer punir em mim e desencorajar para sempre essa classe de jovens, que nascidos numa classe inferior e de alguma forma oprimidos pela pobreza, têm a sorte de conseguir uma boa educação e a audácia de misturar-se ao que o orgulho dos ricos chama de boa sociedade. Este é meu crime, senhores, e, na verdade, será punido ainda mais severamente por não ser julgado por meus pares. Não vejo nos bancos dos jurados nenhum camponês enriquecido, mas apenas burgueses indignados ...* (Stendhal, [1783-1842], 2023, p. 518).

Se é verdade que a barbárie avança, no contemporâneo, para diversas partes do globo, principalmente para aquelas em que as desigualdades – educacionais, sociais, geracionais, políticas, territoriais, de gênero, étnico-racial, entre outras – se fazem presentes de forma atroz, é igualmente verdade que movimentos de resistência insurgirão reivindicando um mundo justo, em que a vida não seja um privilégio de poucos. Nosso companheiro latino-americano Eduardo Galeano nos lembra que vozes humanas buscarão se infiltrar nas mais ínfimas brechas para denunciar a opressão e celebrar a força presente no ato de resistir e insistir permanência. Diz o poeta: “Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e ainda assim os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. (...) Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for” (Galeano, 2022, p. 23). *Teias* assume o compromisso (político) de ser um canal de produção e publicização de narrativas e vozes que se comprometem com a realidade social e com a humanidade. São variadas as maneiras de fazer frente à barbárie, e acreditamos que a ciência pode e deve ser um dos instrumentos a serviço desta importante e urgente tarefa.

No último número deste ano (n. 83), *Teias* celebra as vozes narradas pelos 18 artigos distribuídos nas seções de Demanda Contínua (16), Resenha (1) e Ensaio (1). Prezando pelo viés crítico, os textos tecem importantes discussões sobre a temática da educação em sentido amplo – desde seus aspectos formais àqueles que tratam das miudezas da vida. Ainda, seguimos primando pela tarefa de fazer ecoar vozes-narrativas das diversas regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2022.

STENDHAL. *O vermelho e o negro [1783-1842]*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

Informações das autoras

Paula Leonardi

Prof.^a Dr.^a Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: leonardi.paula@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4046-9703>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930629041565848>

Conceição Firmina Seixas Silva

Prof.^a Dr.^a Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: conceicaoofseixas@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0586-1275>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9511209669396293>